

Cosmopoéticas amefricanas: *o poço das marianas* de Eliane Marques

American cosmopoetics: *the well of the marianas* by Eliane Marques

Alan Alves-Brito¹

Resumo: As literaturas negras surgem no presente século como possibilidades para nos ajudar a criar outras perspectivas de mundos e imaginários que foram excluídos e ignorados ao longo da história da literatura das Américas e de outros continentes. A partir da categoria político-cultural de amefricanidade, definida por Lélia Gonzalez, e do conceito de pretagogia de Sandra Petit, eu discuto no presente artigo as fronteiras líricas apresentadas pela poeta amefricana Eliane Marques na obra *o poço das marianas*, crucial para caracterizar a cosmopoética amefricana da autora e as camadas de leituras possíveis da obra em processos emancipadores de educação antirracista.

Palavras-chave: Literatura afro-americana. Poesia. Amefricanidade. Pretagogia.

Abstract: Black literatures emerge in the present century as possibilities to help us create other perspectives of worlds and imaginaries that have been excluded and ignored throughout the history of literature in the Americas and other continents. From the political-cultural category of amefricanity, defined by Lélia Gonzalez, and the concept of pretagogia of Sandra Petit, I discuss in this article the lyrical boundaries presented by the Amefrican poet Eliane Marques in the work *the well of the marianas*, crucial to characterize the author's African cosmopoetics and the layers of possible readings of the work in emancipatory processes of anti-racist education.

Keywords: African-American literature. Poetry. Amefricanity. Pretagogia.

¹ Doutor em Ciências pela USP. Doutorando em Educação na UFRGS. Especialista em Literatura Brasileira pela UFRGS. Professor Adjunto no Instituto de Física da UFRGS. Membro do Grupo de Pesquisa em Tradução da UFRGS. E-mail: alves.brito.a@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5579-2138>.

*Artigo recebido em 10 de março de 2024 e aceito para publicação em 30 de setembro de 2024.



Introdução

A conceituação de literaturas negras e, por conseguinte, de literaturas afro-brasileiras, afro-estadunidenses e afro-caribenhas² têm criado nos últimos anos um amplo e rico corpo de debates que articulam profundas (por vezes controversas) discussões acerca dos estudos linguísticos, literários e de tradução conectados a outras áreas do conhecimento como, por exemplo, a história, a filosofia, a sociologia, a antropologia e as artes (ver, por exemplo, Miranda, 2019; Nascimento dos Santos; Pereira, 2020; Petinelli-Souza, 2022; Silva, 2023; e referências lá citadas). Essas discussões têm aberto, sem precedentes, uma infinidade de possibilidades de tratar distintas perspectivas acerca da interpretação da história da literatura no Brasil e nas Américas³. Esses movimentos têm trazido novos olhares e compreensões de mundo sobre populações que têm sido historicamente silenciadas e colocadas à margem da teia de produção criativa.

Em todas as discussões, no entanto, independentemente do viés ideológico presente, há consenso – apesar de flagrantes ruídos negacionistas – sobre o papel genocida dos sistemas de hierarquização étnico-raciais em curso no Brasil e nas Américas que têm silenciado pessoas negras na construção de discursos e imaginários literários. O caso das mulheres negras é, em particular, sintomático, como bem discutido por Miranda (2019) e Petinelli-Souza (2021).

Tendo como ponto de partida a categoria político-cultural de amefricanidade, definida pela pensadora brasileira Lélia Gonzalez (1935-1994), na obra Gonzalez (2020), e o conceito de *pretagogia* concebido pela pedagoga radicada no Brasil Sandra Petit, na obra também marcante escrita por Petit (2015), eu discuto no presente artigo as fronteiras líricas apresentadas pela poeta gaúcha Eliane Marques na obra *o poço das marianas* (Marques, 2021).

Neste trabalho, os meus objetivos são múltiplos. Primeiro, vislumbro ampliar a visibilidade e expandir as possibilidades de interpretação da obra da escritora Eliane Marques, esperando que o seu livro circule ainda mais pelo Brasil profundo e para além das fronteiras do Brasil afro-americano. Em diálogo com referenciais teóricos e metodológicos que embasam o trabalho (Petit, 2015; Gonzalez, 2020), caracterizo, a partir das minhas próprias interlocuções

² A palavra caribe, para os europeus que chegaram às ilhas caribenhas no século XVI, era sinônimo de selvagens e canibais.

³ Nomenclatura colonialista, em homenagem ao navegador, cartógrafo, escritor e comerciante florentino Américo Vespúcio (1451-1512), que entrou para a história dos vencedores como um dos descobridores das Américas, a despeito dos milhões de povos originários que já residiam nos territórios invadidos pelos europeus. Para muitos desses povos as Américas são, na verdade, a Abya Yala (terra em plena maturidade) e Pindorama (terra das palmeiras).



com o texto, o conceito de cosmopoética amefricana da autora, evidenciando não apenas os seus processos criativos, mas também as camadas de leituras da obra que ampliam as nossas possibilidades de associação a processos emancipadores da educação antirracista em todos os níveis da formação literária no país. E, por fim, busco contribuir, a partir da obra analisada, com a enunciação do que podemos denominar, no Brasil, por literatura amefricana.

Categorias de análise

Por cosmopoéticas amefricanas, compreendo no presente texto todo o corpo literário que contempla as histórias, geografias, temporalidades, cartografias, estéticas e contribuições culturais de povos negros descendentes de africanos para o que se convencionou chamar de Américas. Há, nessa definição, a ideia implícita de uma identidade particular que se baseia em preceitos históricos dos povos negros afro-americanos, os quais estão materialmente e simbolicamente atravessados pelos processos violentos demarcados pelo sistema colonial escravagista. No caso das Américas, engenhos e *plantations*⁴ (Gilroy, 2012; Santos, 2017; Ferdinand, 2022) são parte importante de suas engrenagens. Isso implica em dizer que se, por um lado, é impossível pensar as literaturas afro-americanas e suas cosmopoéticas amefricanas se não também pelas lentes horrendas dos conveses dos navios negreiros, cada pessoa negra que escreve literatura não apenas constrói um quilombo continental, mas produz, sobretudo, um corpo de conhecimento discursivo revolucionário capaz de, como uma tempestade impetuosa, derubar as muralhas de engenhos e *plantations*.

Dessa forma, as literaturas afro-americanas são possibilidades de reescritas da história e de composição de outros imaginários. O trauma da escravidão inscreve-se, assim, no imaginário social coletivo dos países que compõem as Américas como um fantasma que distribui privilégios e constrói de maneira sólida a ideia de uma produção literária naturalmente fora do lugar que não pode ser criada e, muito menos, reivindicada, por pessoas negras para o além-mar do Atlântico Negro (Gilroy, 2012). O sistema escravocrata, por meio do Atlântico Negro, materializa um dos mais perversos sistemas de subjugação dos europeus às Américas.

Nessa direção, se pensarmos as literaturas como culturas nacionais, o pensador Stuart Hall (1932-2014) nos diz que estas são também constituídas por símbolos, instituições e representações e, por isso, são poderosas.

⁴ Sistema de plantação agrícola imposto colonialmente pela Europa a países das Américas, África e Ásia, por meio de um perverso sistema de escravidão.



Para Hall, a cultura nacional “é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2002, p. 50). Temos, assim, nessa afirmação de Hall, uma implicação identitária inerente à definição de literatura afro-americana que não pode ser subestimada, sobretudo quando se leva em consideração que há, ocupando posições de poder no universo literário das Américas, um perfil identitário muito bem marcado por trás da definição aparentemente ingênua de literatura universal – pessoas brancas, sobretudo homens, bem nascidas, com estéticas altamente alinhadas às inspirações colonizadoras e imperialistas do Norte e do Sul Global que têm, historicamente, contado primordialmente apenas a história da América Latina (Portuguesa e Espanhola) e da América Anglo-Saxônica (Inglesa e Francesa). A cosmopoética amefricana que portanto trazemos à discussão no presente texto é imbuída de outro senso estético. Ela propõe uma Afro-América outra, delineada sobremaneira pelas Américas dos Povos Bantu, dos Povos Iorubás e dos Povos Fon (Freitas, 2016; Alves-Brito; 2023a;b). As línguas africanas têm assim ajudado a compor o sistema de pensamento das Américas e a construir o que chamo, no presente artigo, de literatura afro-americana em conjunto com o mosaico de línguas dos povos originários que compõem as Américas. Segundo o sítio *Ethnologue*⁵, mais de mil línguas constituem hoje o território linguístico das Américas.

Em síntese, do ponto de vista histórico e epistemológico, a cosmopoética amefricana nos desafia a romper com as tessituras coloniais e a acionar outras estratégias de linguagens que recuperem o passado-presente e nos fomentem outros futuros possíveis para as Américas. Há, nesse movimento, o reconhecimento da capacidade criativa e literária de milhões de pessoas negras africanas que foram sequestradas de seus países de origem e trazidas para as Américas na condição de escravizados, desumanizados e descontextualizados. E, nesse aspecto, a categoria político-cultural amefricanidade de Lélia Gonzalez e o conceito de pretagogia da pedagoga Sandra Petit, ajuda-me a discutir as fronteiras líricas apresentadas pela poeta gaúcha Eliane Marques na obra *o poço das marianas* (Marques, 2021).

Lélia Gonzalez é uma das grandes pensadoras e uma das vozes mais importantes do século XX na luta antirracista e antissexista no Brasil que ecoa na contemporaneidade. Ela não fazia distinção entre os problemas dos negros do Brasil e daqueles do mundo. No entanto, vale ressaltar que o racismo, enquanto um sistema de hierarquização de raças, vistas como construções sociais e políticas (Munanga, 2019), não é um problema das pessoas negras

⁵ Disponível em: <https://www.ethnologue.com/browse/names>. Acesso em: 2 Mar. 2024.



e, muito menos, está restrito às literaturas negras. Ele é, principalmente, um problema do sistema de branquitude (Bento, 2022), que tem instaurado um complexo sistema que sustenta e distribui privilégios em torno da Literatura Branca Brasileira e da Literatura Branca das Américas. Para Gonzalez, toda a discussão em torno da amefricanidade:

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: *América Ladina* (Gonzalez, 2020, p. 127).

Nesses pensamentos autênticos e inovadores, Gonzalez reafirma que não apenas as pessoas pretas e pardas, mas todas as pessoas que compõem o Brasil (e aqui estendemos para as Américas) são ladino-amefricanas.

Partindo da ideia amefricana de Lélia Gonzalez, argumentamos sobretudo para a existência de literaturas amefricanas que englobam todos os países das Américas e não apenas os Estados Unidos. A negritude que se coloca é, portanto, continental, com suas peculiaridades e especificidades, mas obedecendo a uma multiplicidade de formas de se viver a negritude nas Américas. Essas experiências podem ser escritas, no sentido do que nos ensina Conceição Evaristo. Gonzalez e Evaristo são, nesse sentido, amefricanas, pois, primeiro, apontam escritas que se pautam sobretudo nas experiências coletivas de mulheres negras. E, segundo, essas escritas existem também politicamente para romper com as tessituras históricas e epistemológicas coloniais, como afirma Conceição Evaristo ao enfatizar que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2007, p. 21). Ramos (2022) também propõe interessantes reflexões panorâmicas sobre literaturas de autoria negra latino-americana publicadas nos séculos XIX, XX e XXI com base no conceito de *amefricanidade* de Lélia González.

É dessa forma que argumento que as cosmopoéticas amefricanas nos permitem, em primeiro plano, aprofundar as histórias, as geografias, os deslocamentos, as temporalidades, os textos, os contextos e as estéticas do mundo africano, por um lado, e, por outro, nos brindam com uma consciência efetiva de nós mesmos enquanto descendentes de africanos. Esses deslocamentos ontológicos são responsáveis por nos libertar das linguagens



racistas que mudam de plano em cada país das Américas. As literaturas americanas são, portanto, tecnologias sociais de linguagens que nos fazem ultrapassar as limitações de caráter territorial, de inclinação linguística e ideológica para nos ajudar a construir um senso ético do que de fato as Américas significam, conectadas às dinâmicas culturais afrocentradas ou, pelo menos, negrorreferenciadas.

As literaturas afro-americanas surgem no presente século como possibilidades reais de nos ajudar a criar outras perspectivas de mundos e imaginários que foram, de forma insólita, excluídos e ignorados ao longo da história da literatura brasileira. O escritor, pesquisador e sociólogo brasileiro Mário Augusto Medeiros da Silva, em sua obra clássica *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no (1960-2020)* (Silva, 2023), nos brinda com um dos mais softscados e completos estudos no Brasil sobre as as estéticas e as questões sociais, culturais e políticas envolvendo as tessituras de escritores negros. No livro, Silva traz uma série de implicações sobre as formas de se estar no mundo a partir dos olhares negros. Um estudo dessa magnitude e de tamanho fôlego intelectual precisa ser feito para mapear e caracterizar as *literaturas amefricanas*. E, certamente, ao fazê-lo, nos daremos conta do significado profundo e potente das nossas histórias e imaginários cingidos a partir dos mundos afro-atlânticos.

A educação e o ensino de literaturas afro-brasileiras, afro-estadunidenses e afro-caribenhas têm, no Brasil e nas Américas, papel crucial para nos ajudar a construir outras territorialidades e espacialidades de linguagens menos opressoras para os povos da América. Nesse sentido, argumento também na presente escrita que essas literaturas precisam ainda ser (re)conhecidas como corpos literários imbuídos de potência epistêmica e ontológica, potencializadoras de transformações políticas. Esses reconhecimentos precisam ser elaborados não apenas por teóricos das literaturas, mas sobretudo por professores da educação básica. A formação inicial e continuada de professores da educação básica no que tange, por exemplo, os preceitos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER; Brasil, 2004) torna-se urgente. A aplicação da Lei nº 10.639 de 2003 (Brasil, 2003) e da Lei nº 11.645 de 2008 (Brasil, 2008), as quais alteram a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB: Brasil, 1996) para prever o estudo das Histórias e das Culturas Africanas, Afro-brasileiras e Indígenas em todos os níveis da educação brasileira são fundamentais.

No entanto, passadas duas décadas desde a promulgação da Lei 10.639 e 15 anos desde aprovação da Lei 11.645, na prática, sobretudo nas linguagens, a efetivação da educação antirracista pensando as alteridades



negras e indígenas nos currículos escolares é ainda irrisória. E quando nos voltamos para o pensamento afro-indígena das Américas o abismo é ainda mais profundo. Há barreiras linguísticas, históricas, culturais e políticas que separam, por exemplo, o Brasil português de seus vizinhos falantes do espanhol e, em cada país das Américas, há abismos internos que são colocados frente à articulação das múltiplas línguas que são faladas nos países americanos. Esse cenário complexifica a relação de estudantes, professores e das pessoas em geral com as literaturas afro-brasileiras, afro-estadunidenses e afro-caribenhas. Urge, assim, promover pretagogias que também contribuam para o letramento racial e identitário explicitamente colocado no debate das literaturas afro-americanas.

Nesse aspecto, trago para o presente texto a pretagogia da pedagoga Sandra Petit, entendendo esse dispositivo teórico-metodológico como crucial para nos ajudar a colocar em prática (viver e escrever) as cosmopoéticas amefricanas e para nos reconectar com os saberes de africanidade, marca indelével do nosso passado ancestral negro nas Américas. Suas pretagogias têm como princípio básico os saberes, conceitos e conhecimentos de matriz africana. Há fomento muito particular à fala e à escuta que proporciona aos interlocutores espaços afetuosos de exposição sobre aquilo que sabem, o que não sabem e o que pensam sobre a diversidade afrodiaspórica. E, nesse sentido, a pretagogia assume um lugar de referência meio às epistemologias afrorreferenciadas, potencializando os saberes, fazeres e aprendizados da ancestralidade africana.

O poço das marianas: a cosmopoética amefricana de Eliane Marques pelas lentes da pretagogia de Sandra Petit

O livro *o poço das marianas* constitui-se de 40 poemas, em uma edição bilíngue, português e espanhol. Argumento, no presente ensaio, que a amefricanidade, chave conceitual cunhada pela pensadora negra Lélia Gonzalez, delinea visceralmente o trabalho criativo de Eliane Marques em *o poço das marianas*. Discuto, a seguir, as nove dimensões da pretagogia de Petit (2015) em diálogo com os poemas, que também nos ajudam a caracterizá-los como cosmopoéticas amefricanas.

A primeira e mais marcante dimensão do livro é a ancestralidade. Ainda que a autora não nos deixe pistas bem marcadas sobre quem são as marianas, elas aparecem para mim como a materialização de linhagens que envolvem os antepassados, os mortos, a história das mais velhas e os apren-



dizados dos seus ensinamentos. As marianas sintetizam uma identidade coletiva de mulheres que amplifica o sentimento de pertencimento tão inerente às literaturas amefricanas. Para Lélia Gonzalez:

a América, enquanto sistema etnográfico de referência, é uma criação nossa e de nossos antepassados no continente em que vivemos, inspirados em modelos africanos. Por conseguinte, o termo *amefricanas/amefricanos* designa toda uma descendência” (Gonzalez, 2020, p. 135).

Além disso, em seu livro, a escritora se autorreconhece como uma mulher, uma poeta negra, assumindo uma postura autoafirmativa que nos conecta à importância das raízes africanas para a constituição das nossas personalidades. Ainda que a marca do feminino se desloque de forma fluída do eu enunciativo, o autorreconhecimento se dá, por exemplo, quando Marques, por meio de sua escrita, materializa cosmopoéticas que envolvem as relações entre o Rio Grande do Sul e os países latinos – *nosotros gaúchos* –, dando ênfase à contribuição africana para a semiótica das palavras forjadas no Atlântico Negro.

A religiosidade de matriz africana, outro elemento recorrente em sua poética, traduz-se em uma dimensão filosófica de saberes, que gera uma forma de ser, estar, pensar, existir e agir no mundo, marcada pelo axé (força ancestral) das palavras, que dão forma ao próprio Universo, às cosmo-poéticas. No entanto, a poeta nos provoca o tempo inteiro aos deslocamentos territoriais e epistemológicos por meio das marianas pensadas como corpos coletivos: “as marianas / em que reclama do dia / um nome / ialodê senhora maid madame / têm pressa e nem recusam / ebozeiras de cabeça alta / o elubô nas ânforas” (Marques, 2021, p. 14).

Além disso, a autora confronta nesse poema conjuntos de palavras, novas e velhas (*ialodê, maid, ebozeiras, elubô*), para por meio das ânforas, das quartinhas, constituir o seu corpo literário amefricano, sacralizador, pois a quartinha é o próprio corpo vital nas matrizes africanas. E, mais do que isso, as línguas presentes nos fragmentos acima se mesclam para constituírem o corpo da América outrora vislumbrada pelo pensamento de Lélia Gonzalez e pela pretagogia de Petit. Mãe Stella de Oxóssi, a primeira Iyalorixá⁶ brasileira a escrever literatura, nos ensina que no panteão iorubano Oxum é uma Ialodê, aquela que lidera as mulheres e que detém o grande poder feminino (Santos, 2010).

⁶ Título honorífico às lideranças sacerdotais em terreiros de Candomblé de origem nagô lorubá no Brasil.



Nos versos abaixo, a *lonja*, palavra em espanhol usada como referência ao termo afro-uruguaio para se referir ao tambor de Candombe (Santos; Assunção, 2020), também sintetiza o mundo afro traduzido pelo Congado de Moçambique: “da lonja de uma goteira [...] / cegado por uma pedra / (jogada do ontem)” (Marques, 2021, p. 26).

Os últimos versos do poema acima ilustrado também me fazem lembrar o ditado popular iorubano que diz que *Exu*, divindade da comunicação e da criação das linguagens, *matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje*.

Nesses movimento, emerge também a dimensão do reconhecimento da sacralidade, articulada no poço a partir das culturas de matriz africana, mas que (per)forma as identidades dos grupos a partir das marcas impressas nos variados elementos da natureza que são celebrados na escrita – a terra, a água, o fogo, o ar, as árvores, os rios e o poço, que também reflete as faces coloniais como se espelho fosse.

Outro eixo marcante da poesia de Marques, é a dimensão do corpo como fonte primeira de conhecimento e criador de saberes; um *igbá*⁷ ancestral, um território sacralizado a partir de outras formas de pensar as relações entre humanos e não humanos. É um corpo que (en)canta, (en)toa e dança. Ele é o signo verbal que (en)corpa o que está sendo dito, em rasuras de linguagens, ao longo do texto. Trata-se de corpo fragmentado, rasurado nas linguagens, por meio de antilirismo laqueador: “artelhos no entorno / as cabaças / um pouco de cocô / melhor que o beleño às escarchas / dos lábios costurados todos os obuses / preferem as vulvas por onde a água recua [...]” (Marques, 2021, p. 10). “[...] um descopo em brasas / que cresceu enquanto o poço / foi ventre” (Marques, 2021, p. 29).

A oralidade, a musicalidade das palavras, também se sobressai ao longo dos poemas. Há, nesse processo, a valorização do conhecimento que é cochichado ao vento por meio das (con)vivências com as várias formas de falar e de vibrar os ensinamentos e aprendizagens. O timbre poético, como emissões vulcânicas de gases e vapores, fica evidente nos versos abaixo: “as escaras do grande fogo / as calhas até que a fumarola enange / a cantaria para noturno / ouçam / suas vozes casquilhadas como a língua de papagaios” (Marques, 2021, p. 13).

No entanto, é importante destacar, que nada do que Eliane Marques cria ao longo do livro é entregue de graça aos seus leitores. Por meio de seus pensamentos, as palavras e os sons se misturam em um emaranhado com-

⁷ Palavra iorubana para assentamento sagrado de divindades do panteão nagô-vodum.



plexo de significados que, em tons harmônicos e dissonantes, só poderão ser acessados a partir de uma viagem subjetiva cuidadosa no que há de mais profundo em nossas epidermes poéticas repletas de memórias. O vocabulário africano, lusitano e castelhano vão dando, ao longo do texto, a dimensão da amefricanidade e o compromisso estético-político da autora.

Destaca-se, ainda, o princípio de circularidade, tão marcante na escrita, em que o eu sou porque nós somos é o princípio fundamental da existência das coisas e das pessoas, das marianas que são muitas e, por sua vez, uma única voz negra feminina – a da própria autora.

Ao longo dos poemas, a autora constrói uma noção de espaço-tempo que deságua num entendimento outro da noção de território sacralizado como espaço-tempo que é socialmente e politicamente construído por meio do plurilinguismo, a partir do sul geográfico para, enfim, tornar-se universal a partir da América.

A autora consegue redimensionar, por meio de sua escrita, a compreensão do lugar social historicamente atribuído às pessoas negras, marcadas pelo racismo linguístico (Nascimento, 2019). Nomes, pronomes, verbos e adjetivos se intercambiam para deslocar os leitores. O mundo do trabalho plasmado nas *plantations* e nos engenhos coloniais dão lugar às fazendas de ostras do sul do Brasil. No contexto contemporâneo da colonialidade, estes signos gauchescos se alinham ao conjunto das realidades das Américas, silenciam mulheres e amplificam a dominação masculina e a sonoridade do patriarcado que podem ser lidas de várias maneiras a partir dos versos que seguem: “no poço / ostreiros estão começando / as marianas / tão sedentas quanto as ostras que comem” (Marques, 2021, p. 9).

Por meio da amefricanidade, Eliane Marques nos direciona não apenas à experimentação de sensações mistas, mas à vivência da encruzilhada como lugar privilegiado de encontros, de possibilidades (inter)textuais que somente a linguagem livre por natureza pode nos proporcionar.

Dessa forma, em *o poço das marianas* destaca-se, para mim, o mundo das mulheres, das opressões pouco ditas, das assimetrias de poder, dos mitos com suas temporalidades espirais do vazio e do silêncio e, ao mesmo tempo, com a dança desconcertante de palavras conectadas pelo fogo, pela terra, pela água e pelo ar que reverberam arcaísmos culturais complexos. Estes elementos vão se desvelando aos leitores de forma arrebatadora e des(formadora). Nota-se, ao longo da obra, a escolha poderosa de cada palavra e o empoderamento de cada uma delas no lugar sob medida nas construções das frases poéticas e melódicas que per(formam) a dicção poética própria da autora em que, como nos processos violentos da diáspora, as



palavras são cantadas baixinho aos ouvidos para provocar estranhamentos e deslocamentos necessários: “[...] onde o ofá ecoou o que não durou o tempo” (Marques, 2021, p. 18).

No livro *o poço das marianas*, deparo-me com uma poeta contemporânea, deliciosamente assustadora, que brinca com as dobraduras do tempo tecido nas palavras. Há luz e sombra o tempo inteiro no seu campo poético a desafiar as leis da física. Tal qual a luz se curva frente a objetos muito massivos, as realidades criadas por Eliane Marques em *o poço das marianas* acionam os fótons de sua memória que se curvam frente aos múltiplos sentidos e rimas que as suas palavras fazem plasmar nos pluri-versos elaborados no *posso* vulcânico das marianas. Marques apresenta a efervescência da poesia amefricana que se pretende livre das amarras do passado colonial, pronta para questionar o presente-passado e romper com o silêncio consensual em torno das violações: “antes mesmo do seu ciclo / ele as violou / todos segredam entre o entulho” (Marques, 2021, p. 35).

Trata-se, assim, de poesia nada ingênua; soberba, mas que não subestima os seus leitores. Há, em cada sentença, um mistério a ser desvendado, e tantos mundos possíveis que somente fazem sentido quando conectados às múltiplas experiências que nos perfazem na América. Tal como acontece no pensamento de Lélia Gonzalez, a poesia de Eliane Marques ultrapassa os limites das fronteiras impostas pela linguagem, pelo território ou pelas ideologias. Sinto que a sua poesia traduz uma identidade étnica que, consciente de seu compromisso ancestral, liga, no contexto das histórias contracoloniais das linguagens, as experiências potentes dos países da América Latina com o que há de mais belo – escrito e oralizado – no continente africano. E tudo isso acontece à frente dos nossos olhos e sentimentos, refutando essencialismos baratos, exaltando o mistério e o que há de mais belo (por isso sagrado) na força vital (no axé) das palavras.

A poesia de Eliane Marques em *o poço das marianas* é curativa, no sentido mais profundo da ética do cuidado, pois permite que os seus leitores se percam e se reencontrem nos labirintos de sua rápida e habilidosa memória criativa que, ao mesmo tempo que chora, sorri e grita de desespero, se expressa, à distância, na liberdade, por meio de amor-alegre. Não há tempo para o cativo. A liberdade é o único caminho a ser percorrido em *o poço das marianas*.

Uma outra chave de leitura de *o poço das marianas* me revela que, imbuídas de forças transformadoras e com compromissos políticos reafirmados com as existências que estão em xeque no âmbito da colonialidade, a cosmopoética amefricana é, na verdade, um jeito outro de olhar para o mun-



do por meio de lentes analíticas e sensíveis que inquietam os pensamentos e reivindicam um lugar no pântano de nossas almas. A escritora quer nos ler, dialogar conosco, ler as nossas cartografias sensíveis para nos conhecer profundamente e, para isso, ela vai a cada linha nos entregando as chaves de um lugar que só ela de fato conhece e, pelo visto, vai querer coabitar conosco para talvez, quem sabe, ir nos entregando o tesouro escondido em doses paulatinas de solidão e desapego, sem se ater ao lirismo óbvio. O poço é o ventre do mundo e, as ostras, as sepulturas dos corpos da manhã. O poço é um cemitério e berçário de ideias, expressões e (con)vivências (im)possíveis, deslocadas ao mundo das mulheres. E, novamente, por isso amefricana, capaz de tecer histórias outras: “o poço foi delas como tudo delas / houve / o sun sun / os olhos de anansi / a única que sabe” (Marques, 2021, p. 17).

Por fim, ao sublinhar o papel transformador da interferência cultural africana, a cosmopoética de Eliane Marques o faz por um prisma completamente diferente do corriqueiro, do senso comum e dos versos fáceis. Ela articula o *pretuguês* (Gonzalez, 2020) que, em conjunto com outras sonoridades linguísticas exploradas no livro, en-cantam e declamam cosmologias diversas sem perder de vista a história negra africana construída na diáspora (latino)-americana, a qual se mantém viva na linguagem, a despeito do per-verso sistema colonial. Há uma exuística⁸ no *poço*, que passa a ocupar lugar profundo dos encontros e da reverberação dos *ecos*: “conchas encarnadas na rocha / há faca que assinta cortá-las?” (Marques, 2021, p. 19).

O *pretuguês* que emana das entranhas criativas da poeta ressalta o poder da linguagem, que é viva e, portanto, influente e determinante na dinâmica histórica dos povos negros escravizados no Brasil, também presente nas experiências de outros países da América Latina (espanhola, francesa, inglesa, germânica). A poesia de *o poço das marianas* me revela que a criação e a potencialização de mitos amefricanos nos ajudam a contar contra-histórias (Alves-Brito; Macedo, 2022) capazes de construir futuros possíveis que foram pouco ou nunca imaginados, sob as lentes e cosmopercepções das mulheres negras. Para nações americanas cujas imagens, imaginários e emoções se estruturam a partir da supremacia branca e masculina, a amefricanidade de Eliane Marques é ato sensível, criativo, cosmopolítico e esteticamente revolucionário. Há luz e magia no fim do poço profundo das marianas.

⁸ Em alusão a Exu, divindade do panteão africano iorubano ligada à linguagem e à comunicação.



Considerações finais

O livro *o poço das marianas*, da poeta e escritora gaúcha Eliane Marques, sintetiza de forma original uma das formas de expressão da lírica das literaturas afro-brasileiras e afro-americanas, interpretadas no presente texto a partir de categorias de pensamento plasmadas na ideia de amefricanidade de Lélia Gonzalez e de pretagogia de Sandra Petit.

O livro de Marques apresenta um signo verbal que se insere enquanto corpo literário pulsante, que diz muito junto ao silêncio das coisas. Ainda que a própria autora possa enxergar com olhos da desconfiança sua obra presa a rótulos por vezes limitantes (e o são), argumento no presente trabalho que a lírica de Marques em *o poço das marianas* nos ajuda a compreender como as cartografias literárias podem apresentar caminhos nem sempre triviais de dialogar com o eu enunciador de escritores que, em última análise, querem escrever apenas literatura.

Por outro lado, é importante dizer: não há neutralidade nas escritas, que são escrevíveis. Buscar separar o eu enunciador da vivência por si torna-se uma degenerescência, uma espécie de violação de princípios literários básicos, em que a palavra entoa o que tem de mais profundo no poço das existências.

Dito isso, concluo que a cosmopoética amefricana da autora evidencia processos criativos perturbadores, mas que também revelam camadas de leituras possíveis que nos ajudam a paulatinamente ampliar as nossas possibilidades de articulação de processos emancipadores de educação antirracista em todos os níveis de formação literária no Brasil e nas Américas. O complexo universo imagético que é nos trazido por Marques em *o poço das marianas*, a partir da análise que foi realizada no presente texto, não apenas a coloca como um poeta negra do sul, mas também a direciona para o corpus da literatura amefricana preocupada em construir outros sentidos de escritas, politicamente comprometidas com realidades que existem e resistem nos pântanos das memórias ancestrais, capaz de abalar as teorias literárias vigentes e, paralelamente, fazer emergir outras do fundo do poço.

Referências

ALVES-BRITO, Alan. Oríkì Òrìṣà: canção e poesia oral iorubana no Brasil. **Organon**, Porto Alegre, v. 38, n. 75, p. 1-21, 2023a.

ALVES-BRITO, Alan. Cosmopolíticas da tradução: a potência epistêmica das literaturas negras e indígenas. **Organon**, Porto Alegre, v. 38, n. 75, p. 1-22, 2023b.



ALVES-BRITO, Alan; MACEDO, José Rivair. A história da ciência e a educação científica pelas perspectivas ameríndia e ameericana. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 15, n.2, p. 400-417, 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília, DF, n. 8, p. 1, 2003.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, DF, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ebu Editora, 2022.

FREITAS, Henrique. **O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2016.

GILROY, Paul. **O atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARQUES, Eliana. **o poço das marianas**. Porto Alegre: Àpres Coup – Escola de Poesia, 2021.

MIRANDA, Fernanda R. **Silêncio prescritos: estudos de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude, Usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

PETINELLI Susane. Mulheres na literatura latino-americana: o invisível também tem cor. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 74, p. 246-262, 2022.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NASCIMENTO DOS SANTOS, Daiana; PEREIRA, Édimo de Almeida. Memória da escravidão na sociedade e na cultura brasileiras: a poesia afro-brasileira de Solano Trindade e Adão Ventura. **Verbo de Minas**, v. 21, p. 342-362, 2020.

PETIT, Sandra H. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei no 10.639/03**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

RAMOS, Liliam. Literaturas da América Latina: um percurso pelas literaturas de autoria negra latino-americana. **Herança**, v. 5, 2022, p. 119-140.



SANTOS, Maria Stella de Azevedo. **Meu tempo é agora**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.

SANTOS, Ynaê Lopes. **História da África e do Brasil afrodescendente**. Rio de Janeiro, Pallas, 2017.

SANTOS, Josinaldo Oliveira; ASSUNÇÃO, Crislane da Conceição Alves. Negritude na poesia afrouruguaia de Virginia Brindes de Salas. **Revista Ininga**, v. 7, n. 2, 2020, p. 149-165.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. da **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2020)**. São Paulo: Edições SESC, 2023.

